

# O VELHO COMO UM NARRADOR ORAL POR EXCELÊNCIA

Luciana Leão Brasil Martins<sup>1</sup>, Adrielli Aparecida Fabrício Izac<sup>2</sup>, Jossilma da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> A autora é doutoranda em Linguística, na UNICAMP, na área de Análise de Discurso, mestre em Ciências da Linguagem, pela UNIVÁS e professora no Centro Universitário de Itajubá (FEPI/UNIVERSITAS). Atualmente pesquisa a narratividade em documentários e na literatura.

<sup>2,3</sup> Graduandas do 6º Período do Curso de Letras no Centro Universitário de Itajubá (FEPI/ UNIVERSITAS)

---

O presente artigo investiga a obra de Ricardo Azevedo, que adota em suas obras a vertente folclórica, ou seja, de origem popular, como uma das correntes que originaram a literatura infantil, e busca-se, mais precisamente, verificar a representação da figura do velho nos excertos de obras do referido autor, sendo assim o tema justificado. Para a compreensão deste gênero transitório e de leitor transitório que é a literatura infantil foram usados, como embasamento teórico, os escritos de Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, bem como os estudos sobre o narrador realizados por Walter Benjamin, Ecléa Bosi, entre outros. Analisar a literatura infantil, sua relação com a memória, com sua excelência na contação de histórias, aliado à tradição do narrar que vem mostrar o modo como esse segmento literário tem-se construído ao longo da história.

**Palavras-chave:** narrador. velho. literatura infantil. ricardo azevedo.

---

## INTRODUÇÃO

A literatura é a arte que nasce da necessidade universal de encontrar no outro o sentido da existência. Por meio da imaginação, sonhos são alimentados, cria-se novas realidades. Ela encanta pelo novo, pelo fantástico, pela catarse, interage e transporta para um mundo imaginário. Nesse contexto investigaremos estudos voltados à literatura infantil e a representação indispensável da figura do velho como um narrador oral por excelência, nos excertos das obras do autor Ricardo Azevedo, pesquisador que adota o folclore e a cultura popular como a vertente de origem dessa literatura, os chamados contos de fadas.

Partiremos de um breve aparato histórico dessa origem e de sua propagação desde a Europa ao continente sul-americano, a inserção de Azevedo, o velho e a memória tratados em suas obras, ressaltando a importância da cultura popular como berço da literatura e a existência do contador de histórias como ferramenta principal para que os tão antigos contos populares permanecessem por tanto tempo vivos na história.

O presente artigo investiga a obra de Ricardo Azevedo, que adota em suas obras a vertente folclórica, ou seja, de origem popular, como uma das correntes que originaram a literatura infantil, e busca-se, mais

precisamente, verificar a representação da figura do velho nos excertos de obras do referido autor

## MATERIAL E MÉTODOS

Para esse artigo fez-se uso de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo, método que consiste na examinação de livros, artigos, jornais e revistas, frequentemente utilizado em estudos históricos e revisões literárias. Partindo do exame de boa parte do que já se pesquisou sobre esse campo, colidindo os principais resultados e proposições obtidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro capítulo, "A origem popular da literatura infantil" será abordado, por escolha, a vertente popular da origem da literatura infantil e indo-europeia, e recorreremos à fatores histórico-culturais, remetendo ao passado, ao folclore, à tradição oral, a fim de percebermos o que é literatura infantil, abordando como surgiram os primeiros contos de fadas, como se deu esse termo, quem foram seus primeiros autores, como se propagou na sociedade, até à "inserção do autor Ricardo Azevedo na literatura infantil", segundo capítulo, no qual

falaremos brevemente sobre a vida e importância desse pesquisador, cujo grande viés de suas obras é a cultura popular, por acreditar que a chamada literatura infantil é muito mais uma literatura popular do que, propriamente, infantil, já que, nas tradições populares, tanto adultos como crianças compartilham o mesmo universo estando muito próximos. Nesse capítulo falaremos da visão de Azevedo do velho em sua obra *O sábio ao contrário*, na qual o autor consegue inovar, fazendo de sua narrativa mais que um mero conto de fadas, mas sim uma ficção científica para atrair o leitor com a pesquisa mirabolante de seu velho encantado. No terceiro capítulo "Os velhos e a memória", esse artigo tratará o tema em si, "o velho como um narrador por excelência", e nele trataremos da importância da figura do velho, como o referencial, a bússola, o retrato do que não fica para trás, a porta que une o presente à estação do passado que remeterá ao futuro. Traremos também a importância da memória, da oralidade, da narrativa de histórias que foram passadas de geração em geração e, assim, ultrapassaram fronteiras, resistiram ao tempo, finalizando esse tema no último capítulo a ser abordado, "A cultura popular e a memória: contar histórias", como ferramenta essencial de troca de experiências e eternizar sonhos e contos que serão revividos por um grupo anos a fio. Chegando aos dias atuais, onde existem pessoas que estão ressuscitando o ofício de contar histórias tentando trazer de volta toda aquela magia que foi herdada dos antepassados, da memória dos velhos e dos antigos contadores.

## CONCLUSÕES

Segundo Cândido (2004) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela organiza, liberta do caos e portanto humaniza!" (2004, p.186). Talvez esta seja a relevante importância da literatura de Ricardo Azevedo, por meio de seus "velhos" propiciar ao leitor ir além da leitura fruitiva, deixando claro que não se lê apenas para buscar conhecimento, mas que se lê para a vida uma vez que não nos bastamos como seres humanos, que precisamos saber do outro. O conhecimento do folclore e a importância do velho, do seu papel e, principalmente, de sua memória, deve ser explicitado aos pequenos para que não se perca a origem das coisas. A literatura infantil deve mostrar ao leitor a incompletude de seu papel, a existência de lacunas que precisam de sua "presença" para serem preenchidas. A incompletude da

narrativa é o índice para a eternidade da história. Um lugar reservado para o novo, para o próximo. O seguinte, nesse caso, é um outro leitor que vem com sua sensibilidade pronto para ouvir histórias incríveis ou não. Para o ouvinte, narrar é contar pequenos momentos da grandeza da vida, e isto o velho faz com excelência. Assim, a criança percebe o velho como um contador de emoção. Observa a prevalência da memória no simples cotidiano: receitas de família, álbuns de fotografias. Os pequenos leitores também entram em contato com o universo daquele que conta. O mundo globalizado é exposto aos ouvintes. Então, a criança descobre a exclusão social sofrida pelos velhos e o quanto a sociedade os fragiliza. Talvez esse seja um dos motivos da pobreza de experiências comentada por Walter Benjamin. Ricardo Azevedo contribui deveras para a formação e informação do leitor. Através da intratextualidade (diálogo entre textos do mesmo autor) existe uma continuidade informativa que dá voz aos velhos dos textos do autor. A criança toma ciência das mazelas sofridas pelo velho e escuta sua experiência de um ângulo privilegiado em busca de significações. Nesse sentido, a leitura dos textos de Azevedo permite ao leitor seguir um caminho rumo à maturidade na leitura. Propicia um contato com outras vivências sem perder a dimensão de sua própria. A maturidade literária é a capacidade do leitor de interagir com o texto, não apenas decodificando-o e compreendendo-o, mas com competência para interpretá-lo, sabendo que interage com o texto de um determinado contexto social,

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. *Chega de saudade*. Ed. Moderna. São Paulo. 1989.

\_\_\_\_\_. *O sábio ao contrário*. Ed. Senac. São Paulo. 2001.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1989.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2003.

BUSATTO, C. *Contar e encantar*. Ed. Vozes. São Paulo. 2004.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1987.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Duas cidades: ouro sobre azul. São Paulo: Rio de Janeiro, 2004.

FRANZ, M. L. *O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas*. Ed. Cultrix. São Paulo. 1985.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Ed. L & PM. Porto Alegre. 2002.

GREENE, L. *A astrologia do destino*. Ed. Cultrix/Pensamento. São Paulo. 1989.

PAZ, N. *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas*. Ed. Cultrix/ Pensamento. São Paulo. 1995.

WARNER, M. *Da fera à loira*. Sobre contos de fadas e seus narradores. Companhia das Letras. São Paulo. 1999.